

JENNIFER HILLIER

A broken red heart-shaped lollipop lies on a teal background, surrounded by red candy shards. A white lollipop stick is positioned vertically, passing through the center of the title text.

PEQUENOS
SEGREDOS

*Tudo o que é preciso para
mudar uma vida
é uma verdade íntima*

JENNIFER HILLIER

A broken heart, possibly made of glass or metal, lies on a grey, textured surface. The heart is shattered into several pieces, with a large, jagged fragment still attached to the main body. The surrounding area is covered in fine, light-colored dust or debris, suggesting a recent impact or shattering. The overall scene is somber and evocative, symbolizing heartbreak or emotional damage.

**PEQUENOS
SEGREDOS**

Tradução de
Maria José Silveira e Felipe Lindoso

A stylized logo for Faro Editorial, featuring a figure that appears to be a person or a creature in a dynamic, possibly dancing or falling, pose. The figure is rendered in a dark, solid color against the light background.

**FARO
EDITORIAL**

1

EM DIAS NORMAIS, O MERCADO DE PIKE PLACE é uma conhecida armadilha para turistas. Combinando isso a compras de última hora para as festas de fim de ano e um final de semana extremamente agradável e ensolarado, este se torna o quarteirão mais movimentado de Seattle em um sábado à tarde.

O casaco de Sebastian está enfiado em uma das sacolas de compras de Marin, mas, ainda assim, ele está suado. Sua mãozinha escorrega das mãos dela toda vez que ele puxa com mais força, tentando arrastá-la até onde deseja ir.

— Mamãe, eu quero um pirulito — pede pela segunda vez.

Ele está cansado e ficando irritado, e precisando mesmo é de uma soneca. Mas Marin ainda tem que comprar um último presente. Ela se orgulha de sempre dar presentes significativos e pessoais. Seu filho de quatro anos não se importa com as compras de Natal. Sebastian acredita que o Papai Noel trará todos os seus presentes, portanto, nesse instante, ele só está interessado em açúcar.

— Bash, por favor, só mais cinco minutos — insiste ela. — Depois vamos comprar seu doce. Mas você tem que ser bonzinho. Tudo bem?

É uma negociação justa, e ele para de choramingar. Há uma loja de doces no mercado. Eles a conhecem bem; já estiveram lá várias vezes. É indisfarçadamente luxuosa, e mesmo que venda todo tipo de doces, é mais conhecida por suas “trufas francesas cremosas e artesanais de grãos achocolatados”. A fachada é pintada de azul-turquesa, e o nome pretensioso, escrito em elegantes letras cursivas douradas na vitrine: *La Douceur Parisienne*. Nada lá dentro custa menos de quatro dólares, e o enorme pirulito que Sebastian tanto quer — o que tem espirais com as cores do arco-íris — custa cinco.

Sim, cinco dólares por um pirulito. Marin tem plena consciência do quanto isso é insano. Em defesa de Sebastian, ele nem saberia que tal coisa existia se, em uma visita anterior, ela não o houvesse arrastado para a loja de doces para comprar chocolates que, com toda sinceridade, eram superdeliciosos.

Ela diz a si mesma que não há problema em mimá-lo de vez em quando e que, de qualquer modo, tudo na La Douceur Parisienne é feito com açúcar de cana orgânica e mel adquirido localmente. Derek, por sua vez, não aceita o raciocínio da esposa. Acha que ela está justificando transformar o garotinho deles em um comilão arrogante, tal como ela.

Mas Derek não está ali. Derek está em algum lugar da Primeira Avenida, desfrutando uma cerveja em um bar e vendo jogo, enquanto Marin lida com as últimas compras e com o cada vez mais cansado filhinho de quatro anos deles.

Seu bolso vibra. O mercado está barulhento demais para que ela escute o celular, mas consegue senti-lo, e solta a mão do filho para pegar o aparelho. Talvez seja Derek e o jogo já tenha terminado. Ela verifica a tela e nota que não é o marido. A última coisa que deseja agora é bater papo, mas é Sal. Ela não pode deixar de atender.

— Bash, fique perto de mim — diz ao filho enquanto aperta o botão de aceitar a chamada no seu celular. — Alô.

Ela apoia o celular entre o ombro e o ouvido, pensando que seria ótimo ter AirPods para momentos como esse, mas depois se lembra de que não quer ser uma dessas mães idiotas que ficam andando por aí usando AirPods.

— Está tudo bem? Como está a sua mãe? — Ela volta a agarrar a mão de Sebastian, escutando seu amigo mais antigo relatar sua manhã extenuante. A mãe de Sal está se recuperando de uma cirurgia no quadril. Alguém se choca com ela, derrubando a bolsa e a sacola de compras do ombro. Ela olha feio para as costas deles, que passam sem pedir desculpas. Turistas.

— Mamãe, para de falar. — Sebastian puxa sua mão, a voz mais uma vez chorosa. — Você disse *pirulito*. O *grandão*. Com as *voltinhas coloridas*.

— Bash, lembra o que eu disse? Você tem que esperar. Temos outras coisas para fazer primeiro. — Marin diz ao telefone: — Sal, desculpa, posso ligar para você mais tarde? Estamos no mercado e as coisas estão loucas por aqui.

Ela enfia o celular de volta no bolso e relembra Sebastian do acordo que fizeram. Essa coisa de acordo é algo relativamente novo para os dois, surgiu quando ele começou a se recusar a ir para o banho alguns meses atrás. “Se você tomar banho, vamos ler um livro extra na hora de dormir”, dissera ela, e a negociação funcionou como por encanto. Acabou sendo algo bom para os dois. A hora do banho agora transcorria sem problemas, e mais tarde, com o cabelo cheiroso dele encostado em seu rosto, ela lia em voz alta os livros favoritos da sua infância. *George, o curioso* e *Boa noite, Lua* estavam sempre na fila. Esse ritual da hora de dormir era seu momento favorito, e ela teme

chegar o dia em que os abraços serão recusados e seu filho preferirá ler seus próprios livros na cama.

Por enquanto, pelo menos, Sebastian fica quieto quando ela insinua que ele ficará sem pirulito se choramingar mais uma vez. Ela está tão cansada e com tanto calor quanto Bash, além de faminta e sedenta por cafeína. Açúcar — e café — vão ter que esperar. Os dois vão encontrar Derek no Starbucks que fica bem ao lado da doceria, mas não haverá guloseimas para os dois até que o último item da lista seja comprado.

O último presente da sua lista é para Sadie, a gerente do salão que Marin possui no centro da cidade. Ela está no sexto mês de gravidez e dando a entender que cogita deixar de trabalhar para ser mãe em tempo integral. Mesmo que Marin respeite a escolha das mulheres do que é melhor para elas e suas famílias, ela odiaria perdê-la. Sadie mencionou ter visto uma primeira edição do *A história do Coelho Benjamin*, de Beatrix Potter, na livraria de luxo no térreo do mercado. Se ainda estiver lá, Marin comprará para ela. Sadie tem sido uma valiosa funcionária há dez anos, e merece algo mais que especial. Talvez também faça Sadie lembrar o quanto gosta de sua chefe — e de seu emprego — e prefira voltar depois da licença-maternidade.

Sebastian torna a puxar, mas Marin segura firme sua mão e o leva para a livraria, onde fica contente ao saber que a primeira edição de Potter ainda está disponível. Ela consegue pegar alguns livros da tartaruga *Franklin* no balcão enquanto paga. Ao voltarem para o andar de cima, seu celular vibra novamente. Desta vez é uma mensagem.

O jogo acabou. É Derek, graças a Deus. Ajudaria muito um par de mãos extra. Indo até aí. Onde vocês estão?

Ela sente a mãozinha pegajosa de Sebastian escapando da sua. Está bem; ela precisa das duas mãos para responder. De qualquer modo, seu garotinho está bem ao lado dela, desta vez acompanhando seus passos rápidos, o braço dele pressionando sua perna enquanto caminham decididos na direção da loja de doces. Promessa é dívida, ainda que ela admita que pensar na trufa de framboesa com chocolate derretendo na sua boca deixa a promessa mais fácil de ser cumprida.

Indo para a loja de doces chique, ela escreve de volta. Depois direto para o Starbucks. Quer alguma coisa?

Tacos, responde o marido. Estou cheio de fome. Que tal a gente se encontrar direto no food truck?

Marin faz uma careta. Ela não é fã dos tacos de *food trucks*, ou de qualquer tipo de comida de rua. Ficou doente da última vez que comeu um taco de lá.

Nada bueno, digita ela. Por que não paramos no Felix e pegamos sanduíches de porco desfiado quando a gente for para casa? Uma carne muito melhor.

Estou morrendo de FOME, Derek responde. Tenho que comer alguma coisa para me aguentar. E, amor, vou te dar uma carne melhor mais tarde, se você for boazinha.

Ela revira os olhos. Há amigas que se queixam que os maridos nem fletam mais com elas. O dela nunca para. *Ótimo. Pegue esse seu taco gorduroso, mas vai ficar me devendo, garanhão.*

Tudo bem, ótimo, porque já estou na fila. A resposta vem com um emoji piscando o olho. *Encontro vocês logo. Vou comprar churros para o Bash.*

Ela está prestes a vetar a sobremesa frita quando percebe que já não sente Sebastian encostado em sua perna. Tira os olhos do celular, ajustando a sacola, que fica mais pesada a cada minuto. Então volta a olhar para baixo e ao redor.

— Bash? Sebastian?

Ele não está por perto. Em reflexo, ela para de andar, provocando um encontrão de quem vinha atrás.

— Odeio quando as pessoas simplesmente param — o homem resmunga para sua acompanhante, contornando Marin e reclamando mais alto que o necessário.

Ela nem liga. Não consegue mais ver o filho e está começando a entrar em pânico. Esticando o pescoço, busca no meio da multidão de turistas e locais, e todos parecem se movimentar pelo mercado em bandos. Sebastian não pode ter ido longe. Seu olhar gira por todos os lados, buscando qualquer vislumbre do seu garotinho, com o cabelo escuro, tão parecido com o dela na cor e na textura. Ele está usando um suéter de rena branco e marrom, tricotado à mão por uma antiga cliente do salão; Sebastian gosta tanto dele que insistiu em usar quase todos os dias da semana passada. Fica adorável nele, com orelhinhas fofas e sobrelhas feitas de couro sintético aplicado no desenho da rena, logo acima dos botões para os olhos e o nariz.

Ela não consegue achá-lo em lugar nenhum. Nem rena. Nem Sebastian.

Ela empurra com mais agressividade a multidão, gritando em diferentes direções, sentindo o peso da bolsa, dos casacos e da sacola de compras estufada. Grita alto seu nome.

— Sebastian! *Sebastian!*

Outros clientes do mercado começam a notar, mas a maioria não faz nada além de dar uma olhadinha rápida para ela enquanto continuam a caminhar. O mercado está lotado demais, tão barulhento que ela mal consegue escutar

a própria voz. Sem querer, começa a migrar na direção do balcão de frutos do mar, no qual três peixeiros corpulentos usando macacões manchados de sangue brincam, para divertir a multidão reunida só para vê-los jogar salmões frescos um para o outro, como se fossem bolas de futebol.

— Sebastian!

Ela já está em pânico total. O celular vibra na sua mão. É Derek com outra mensagem; está prestes a fazer o pedido no *food truck*, e quer saber, pela última vez, se ela quer alguma coisa. A mensagem a deixa irracionalmente irritada. Ela não quer porra de taco nenhum, ela quer o filho.

— Sebastian! — grita ela a plenos pulmões. Já passou do estado de pânico e está se aproximando da histeria, e tem certeza de que começa a parecer louca, porque as pessoas agora estão olhando para ela com uma mistura de preocupação e medo.

Uma mulher mais velha de cabelo grisalho e bem-arrumado se aproxima dela.

— Posso ajudar, senhora? Seu filho se perdeu?

— Sim, ele tem quatro anos, desta altura, com cabelo castanho e está vestindo um suéter de rena, e o nome dele é Sebastian. — As palavras saem em um jorro de soluços e gestos, e Marin precisa se acalmar, respirar, pois a histeria não vai ajudar em nada. Provavelmente é uma tolice entrar em pânico. Eles estão dentro de um mercado chique, feito para turistas, com guardas de segurança, já é quase Natal, e com certeza ninguém iria arrebatar uma criança logo antes do Natal. Sebastian apenas saiu caminhando por ali e dentro de um minuto alguém irá trazê-lo de volta, e ela agradecerá timidamente e abraçará forte seu garotinho. Depois vai se inclinar e ralhar com ele sobre *sempre ficar onde ele possa vê-la, porque se ela não puder vê-lo, então ele também não poderá vê-la*, e seu rostinho redondo ficará desolado, porque ele sempre fica chateado quando ela também está preocupada. Depois, ela o cobrirá de beijinhos e explicará que ele sempre deve ficar perto dela em lugares públicos, porque é importante *ficar seguro*. Irá assegurar a ele que tudo está bem, e haverá mais beijinhos, e é claro que ele irá ganhar o pirulito, porque foi prometido. Mais tarde, quando contar a história para Derek na segurança de sua casa, com Sebastian enfiado na cama e dormindo, ela lhe dirá como ficou apavorada — como ficou absolutamente apavorada — nos poucos minutos quando não sabia onde estava seu filho. E então será a vez do marido acalmá-la, e lembrar que tudo terminou bem.

Porque tudo *ficará bem*. Porque eles vão encontrá-lo. Claro que vão.

Ela aperta o botão do celular e liga para Derek. No minuto em que o marido atende, ela perde a calma.

— Sebastian desapareceu. — Sua voz está três vezes mais alta e meia oitava mais aguda que de costume. — Perdi ele de vista.

Derek conhece todos os tons de sua voz e imediatamente sabe que ela não está brincando.

— *O quê?*

— Não consigo achar o Sebastian!

— Onde você está? — pergunta ele, e ela olha ao redor, só para perceber que migrou de novo, muito mais adiante dos peixeiros. Está agora parada perto da entrada principal, embaixo do letreiro iluminado com neon que anuncia, *Mercado Público*.

— Estou perto do porco — responde ela, sabendo que ele compreenderá a referência à escultura popular.

— Não se mexa. Vou já para aí.

A senhora mais velha que a está ajudando se transformou em três senhoras de várias idades, preocupadas, junto com um homem — o marido de alguém — que foi enviado para avisar à equipe de segurança. Derek aparece dois minutos depois, sem fôlego, porque correu desde a outra ponta do mercado. Ele olha para a mulher sem Sebastian, e seu rosto congela. É quase como se esperasse que tudo já estivesse resolvido quando chegasse ali, e que sua única função seria confortar uma esposa assustada e aliviada e um garotinho assustado e choroso, porque confortar é algo que Derek faz muito bem. Mas não há criança chorando, nem esposa aliviada, e ele fica paralisado por um momento, sem saber o que fazer.

— Que *diabos*, Marin? — o marido deixa escapar. — O que você fez?

É uma péssima escolha de palavras que sai em tom mais acusatório do que ele provavelmente queria. A voz dele a atinge, e ela estremece; sabe que essa pergunta irá assombrá-la para sempre.

O que ela fez? Perdeu o filho, foi isso que ela fez. E está preparada para assumir toda a culpa e se desculpar mil vezes com todo mundo quando o acharem. Porque *vão* achá-lo, eles *têm* que achá-lo, e quando isso acontecer, e ele estiver de volta e seguro em seus braços, ela se sentirá como uma completa idiota.

E ela está desesperadamente à espera de se sentir como uma idiota.

— Ele estava bem aqui, soltei a mão dele para mandar mensagem para você, e quando olhei de novo, ele tinha desaparecido. — Agora ela está toda histérica, e as pessoas já não só olham, mas param, oferecem ajuda, pedem uma descrição do garotinho que sumiu de perto da mãe.

Dois guardas, com seus uniformes cinza-escuro, se aproximam acompanhados do marido prestativo, que já havia explicado que estão procurando um garotinho vestindo um suéter com desenho de raposa.

— Não é *raposa!* — Marin retruca com raiva, mas ninguém parece se importar. — *Rena.* É um suéter com desenho de rena, marrom e branco, com botões pretos no lugar dos olhos...

— Você tem uma foto do seu filho vestindo isso? — pergunta um dos seguranças, e ela mal se contém para não gritar com ele, porque a pergunta é estúpida demais. Primeiro, quantos garotinhos de quatro anos podem estar no mercado nesse instante com exatamente o mesmo tipo de suéter de tricô? E, segundo, é *óbvio* que ela tem uma foto do filho, porque é *seu filho*, e seu celular está cheio de fotos dele.

Eles olham a foto e a passam em volta.

Mas não o encontram.

Dez minutos depois a polícia chega.

Os detetives também não o encontram.

Duas horas mais tarde, depois que a polícia de Seattle revisou todos os filmes de segurança, ela e Derek, chocados, observam pelo monitor de um computador, sem acreditar quando veem um garotinho usando um suéter de rena saindo do mercado segurando a mão de alguém cujo rosto está encoberto. Os dois desaparecem pela porta mais próxima do estacionamento subterrâneo, mas isso não quer dizer que foram *para* o estacionamento. Seu filho segura um pirulito na mão livre, cheio de espirais coloridas, o mesmo pirulito que a mãe teria comprado para ele se tivesse tido a oportunidade. A pessoa que o presenteou está vestida dos pés à cabeça como um Papai Noel, incluindo as botas pretas, as sobancelhas cheias e a barba branca. O ângulo da câmara torna impossível ter um vislumbre do rosto. Nem sequer é possível afirmar se é homem ou mulher.

Marin não consegue processar o que está vendo e pede que repassem o filme, de novo e de novo, estreitando os olhos como se fazer isso lhe possibilitasse ver mais do que havia ali. O filme aparece irregular, aos saltos, mais como uma série de fotos granuladas passando em sequência do que uma gravação de vídeo. Cada vez que ela o vê, o momento em que Sebastian desaparece de vista é o mais aterrorizante. Um segundo ele está ali, seu passo cruzando o limiar da porta. E logo, no quadro seguinte, desaparece.

Ali. Sumiu. Rebobine. Ali. Sumiu.

Atrás dela, Derek anda de um lado para o outro, falando zangado com os guardas de segurança e com a polícia, mas ela só percebe algumas palavras

— *sequestrado, roubado, alerta, FBI* — por cima de seus próprios gritos internos. Ela parece não aceitar que aquilo tenha mesmo acontecido. Parece que está acontecendo com outra pessoa. Parece alguma coisa de cinema.

Alguém vestido como Papai Noel pegou seu filho. Deliberada e propositalmente.

Mesmo com o filme em preto e branco e difuso, é evidente que Sebastian não foi coagido. Ele não parece assustado. Seu semblante está tranquilo, já que ele tinha seu pirulito de cinco dólares em uma das mãos e o Papai Noel na outra. As moças que trabalham na La Douceur Parisienne verificam no computador e confirmam que venderam sete pirulitos naquele dia, mas não se lembram de nenhum cliente vestido como Papai Noel, e dentro da minúscula loja não há câmeras de segurança. Há apenas uma câmera de circuito fechado do outro lado do estacionamento onde se supõe que Sebastian e seu captor tenham entrado, mas devido ao ângulo, a câmera só grava uma visão lateral e distante dos carros que saem da garagem, e nenhuma das placas é visível. Cinquenta e quatro veículos saíram na hora seguinte ao sequestro de Sebastian, e a polícia não tem como rastrear nenhum deles.

O marcador de tempo na gravação de vídeo mostra que Sebastian e seu sequestrador deixaram o mercado apenas quatro minutos depois que sua mãe percebeu que ele não estava com ela. Os guardas de segurança do Pike Place não haviam nem mesmo sido avisados ainda.

Quatro minutos. É o tempo necessário para se roubar uma criança.

Um pirulito, uma fantasia de Papai Noel e duzentos e quarenta segundos.

PARTE UM

QUINZE MESES
DEPOIS

*Escute, você mal está respirando
e chama isso de vida?*

— Mary Oliver

2

DIZEM QUE SE UMA CRIANÇA PERDIDA da idade de Sebastian não for encontrada nas primeiras vinte e quatro horas do desaparecimento, as chances são de que jamais será.

Esse é o primeiro pensamento coerente de Marin Machado todas as manhãs, quando desperta.

O segundo pensamento que lhe vem à cabeça é se este será o dia em que ela vai se matar.

Às vezes, os pensamentos se dissipam quando ela se levanta e vai para o chuveiro, obliterados pelo vapor que sai da ducha quente. Às vezes, se dissipam quando ela termina seu café e dirige até o trabalho. Mas algumas vezes ficam com ela o dia inteiro, como nuvens sinistras que sussurram no fundo de sua mente, uma trilha sonora que ela não consegue desligar. Nesses dias, ela pode até se passar por uma pessoa normal, apenas alguém comum tendo conversas normais com os que estão ao seu redor. Por dentro, porém, se desenrola um diálogo completamente diferente.

Foi assim há alguns dias, por exemplo. Marin apareceu no seu salão de beleza, no centro da cidade, vestindo um tubinho Chanel cor-de-rosa que achou no fundo do seu closet, ainda dentro do plástico da lavagem a seco. Parecia fabulosa quando entrou no trabalho, e sua recepcionista, uma jovem loira com um impecável senso de estilo, notou.

— Bom dia, Marin — Veronique a cumprimentou com um sorriso brilhante. — Olha só você, nesse vestido. Está magnífica.

Marin sorriu de volta para a recepcionista enquanto passava pela elegante sala de espera até seu escritório no fundo do salão.

— Obrigada, Vê. Esqueci que tinha isso. Como estão os horários hoje?

— Todos agendados — respondeu Veronique com sua voz musical, a mesma que todas as pessoas matinais parecem ter.

Marin sorriu novamente, caminhando em direção ao escritório, pensando o tempo todo: *Talvez hoje seja o dia. Vou pegar a tesoura — não a nova que usei com a Scarlett Johansson no último verão, mas a antiga que usei com a*

Jennifer Lopez há cinco anos, essa sempre se encaixou melhor na minha mão — e vou enfiá-la no meu pescoço, no exato lugar onde sinto minha pulsação. Vou fazer isso diante do espelho do banheiro, para não sujar tudo. Sim, com certeza no banheiro, é o lugar mais fácil de limpar; as lajotas são de ardósia e os rejuntas, escuros, assim as manchas de sangue não aparecem.

Ela não fez isso. É claro.

Mas pensou nisso. Ela *pensa* nisso. Todas as manhãs. Na maioria das noites. Às vezes, à tarde.

Hoje, felizmente, Marin está começando o dia bem, e os pensamentos que a assaltaram quando despertou estão começando a desvanecer. Já haviam desaparecido por completo quando o despertador tocou. Ela acende o abajur de cabeceira, fazendo uma careta por conta do gosto amargo que sente na boca, resultado da garrafa de vinho tinto que bebeu inteira na noite passada. Pega o copo que mantém perto da cama e toma um grande gole d'água, girando-a dentro de sua boca seca, e depois tira o celular do carregador.

Há uma nova mensagem: *Está viva?*

É Sal, claro, e é sua mensagem habitual, a que ele envia todas as manhãs se ela não tiver entrado em contato ainda. Para qualquer outra pessoa, uma mensagem dessas poderia ser considerada bastante insensível. Mas é Sal. Eles se conhecem há muito tempo e compartilham do mesmo senso de humor sombrio, e ela agradece por ainda ter uma pessoa em sua vida que não se sente obrigada a pisar em ovos diante de seus preciosos sentimentos. Também tem quase certeza de que Sal é a única pessoa do mundo que secretamente não pensa que ela é uma merda.

Ela responde com os dedos ainda rígidos, os olhos ainda remelentos, a cabeça latejando com a ressaca. *Quase isso*, escreve de volta. É sua resposta habitual, curta, mas é tudo de que ele precisa. Ele vai verificar de novo por volta da hora de dormir. Sal sabe que a hora de dormir e a de acordar são as piores para Marin, quando ela é menos capaz de lidar com a calamidade em que sua vida se transformou.

A seu lado, a cama está vazia. O travesseiro ainda está em ordem e os lençóis, ainda esticados. Derek não dormiu ali na noite passada. Está mais uma vez fora da cidade, a negócios. Ela não tem a menor ideia de quando voltará. Ele se esqueceu de informá-la quando saiu ontem, e ela se esqueceu de perguntar.

São quatrocentos e oitenta e cinco dias desde que ela perdeu Sebastian.

O que significa que ela passou quatrocentas e oitenta e cinco noites nas quais não deu banho no filho, não vestiu pijamas limpos nele, não o colocou

na cama e não leu para ele *Boa noite, Lua*. Foram quatrocentas e oitenta e cinco manhãs que despertou em uma casa vazia, sem risos e pés batendo, e sem nenhum chamado de “mamãe, já acabei!” vindo do banheiro, porque mesmo já estando perfeitamente treinado para usar o vaso, ele tinha apenas quatro anos, ainda estava aprendendo como lidar com sua higiene básica.

Quatrocentos e oitenta e cinco noites nesse pesadelo.

O pânico se instala. Ela leva um minuto fazendo os exercícios de respiração profunda ensinados por seu terapeuta, até que o pior passe e ela volte a funcionar. Nada sobre qualquer coisa parece normal agora, mas ela finge melhor do que antes. Na maioria das vezes, parou de constranger as pessoas. Voltou a trabalhar há quatro meses. A rotina de trabalho tem feito bem para ela, leva-a para fora de casa, estrutura seu dia, e dá a ela outra coisa para pensar além de Sebastian.

Ao virar as pernas para fora de cama, faz uma careta quando a dor lancinante martela sua têmpora. Ela engole seu antidepressivo e o multivitamínico com o que sobrou da água morna e vai para o chuveiro em cinco minutos. Quarenta e cinco minutos depois, sai do banheiro completamente vestida, maquiada, com o cabelo limpo e penteado. Sente-se melhor. Não ótima — seu filho ainda está desaparecido, e a culpa é toda dela —, mas há momentos em que ela não sente como se estivesse pendurada em um fio que se desenrola depressa demais. Este é um deles. Ela considera isso uma vitória.

O dia transcorre depressa. Quatro cortes de cabelo, dois tingimentos, uma balaiagem e uma reunião com a equipe, que Marin participa, mas é conduzida por Sadie. Ela promoveu Sadie a gerente-geral com um bom aumento de salário logo depois que ela teve o bebê, e agora Sadie cuida do dia a dia das operações nos três salões. Marin mal podia aceitar a perda da funcionária antes que tudo acontecesse com Sebastian; depois, pensar nisso se tornou impossível. Marin tinha que ficar em casa e desmornar, o que ela fez por um ano, até que Derek e seu terapeuta sugeriram que era tempo de ela voltar a trabalhar.

Marin ainda supervisiona tudo — a empresa, afinal, é dela —, mas trabalha agora principalmente no salão, cortando e tingindo para um grupo seleto de clientes antigas, conhecido internamente como VIPs. Elas são absurdamente ricas. Algumas delas são celebridades menores que pagam seiscentos dólares por hora para Marin Machado, da Marin Machado Salon & Spa, cortar ela mesma seus cabelos.

Porque um dia ela já foi *alguém*. Seu trabalho teve reportagens na *Vogue*, *Allure*, *Marie Claire*. Era chique ser a Marin Machado. Se seu nome fosse

pesquisado, fotos das três maiores celebridades chamadas Jennifer — Lopez, Lawrence e Aniston — pareceriam, todas mulheres de quem ela havia cuidado pessoalmente. Mas agora artigos sobre seu trabalho ficam em segundo plano diante das novas reportagens sobre o desaparecimento de Sebastian. A enorme busca que resultou em nada. Queixas sobre o tratamento especial que ela e Derek receberam por parte dos policiais, porque Derek também é alguém, e os dois são um casal abastado, com conexões, uma amizade com a chefe de polícia (o que é um grande exagero — eles mal conheciam a mulher além de vê-la em alguns eventos de caridade através dos anos) e boatos de que Marin tentou se suicidar.

Agora, ela era um exemplo de advertência.

Foi Sadie quem deu a ideia de trazer Marin de volta às funções básicas do salão. Trabalhar com cabelo fazia bem para Marin. É algo de que ela gosta, e não há lugar onde ela se sinta mais como ela mesma do que atrás da cadeira de cabeleireira, misturando cores, e tingindo fios, e manejando tesouras. Ser cabeleireira é a mistura perfeita de habilidade e química, e ela é boa nisso.

Sentada agora na cadeira diante dela está uma antiga cliente chamada Aurora, casada com um ex-jogador de beisebol dos Seattle Mariner. Seu cabelo naturalmente castanho está ficando grisalho, e ela vem fazendo a transição para o loiro durante as últimas sessões. Aurora pediu para tingir luzes loiro-platinadas que resultassem em um estilo bem “praiano”, mas seu cabelo está ressecado e quebradiço. Marin decide tingir à mão as luzes com um clareador diluído e misturado com um fortalecedor de fios. Quando o cabelo da mulher clareia até um tom amarelo pálido, parecido com o interior de uma casca de banana — um processo que pode levar de dez a vinte e cinco minutos, dependendo de cem fatores diferentes —, Marin enxágua e aplica um toner violeta, que deixa por cerca de três minutos, para criar o perfeito tom branco-loiro desejado pela cliente.

O processo é complicado, mas é algo que Marin pode controlar. É extremamente importante para ela fazer coisas com resultados previsíveis. Em sua primeira semana de volta ao trabalho, ela compreendeu que teria sido muito melhor voltar mais cedo para o salão do que gastar todo o tempo em terapia.

— E aí? O que achou? — pergunta a Aurora, ajustando alguns fios antes de umedecê-los e aplicar um laquê suave.

— Perfeito, como sempre. — É o que Aurora sempre diz, porque parece que não sabe o que mais dizer a Marin. No passado, a cliente era muito loquaz acerca do que gostava ou não sobre seu cabelo. Mas desde que Marin voltou a trabalhar, Aurora apenas se derrete em elogios para a cabeleireira.

Marin a observa atentamente, em busca de sinais de descontentamento, mas Aurora parece estar mesmo satisfeita, girando a cabeça de um lado para o outro de modo a poder ver os realces a partir de ângulos diferentes. Olha Marin pelo espelho com um sorriso contente.

— Adorei. Muito bem-feito.

Marin aceita o elogio e sorri, retira a capa da mulher e vai com ela até a mesa da recepção, onde Veronique espera para fechar a conta. Ela dá um abraço leve em Aurora, que a mulher aceita, apertando-a um pouco demais.

— Você está se saindo ótima, querida, continue firme — sussurra a cliente, e automaticamente Marin se sente claustrofóbica. Ela murmura um *obrigada* em resposta e fica aliviada quando a mulher finalmente a solta.

— Já vai? — pergunta a recepcionista alguns minutos depois, quando vê Marin sair do escritório com o casaco e a bolsa.

Marin dá uma olhada no computador da recepcionista para ver as reservas do dia seguinte. Apenas três clientes agendadas para a tarde, o que, depois de sua terapia pela manhã, deixa algumas horas para resolver questões administrativas. Tecnicamente, ela não precisa fazer nada disso, mas se sente mal por sobrecarregar Sadie.

— Diga para a Sadie que vou passar por aqui de manhã — diz Marin, verificando o celular. — Tenha uma boa noite, Vê.

Ela se dirige para o carro e está ligando a ignição quando recebe uma mensagem de Sal. Nesses dias, parece que ele é a única pessoa que consegue fazer com que ela sorria sem sentir que faz isso apenas por educação ou obrigação.

Passa aqui no bar, diz a mensagem. Estou aqui sozinho com um bando de merdinhas universitários que não fazem ideia de que existem outras cervejas além da Budweiser.

Não dá, responde ela. Estou a caminho do grupo.

Está bem, escreve Sal. Então passa aqui quando terminar sua autoflagelação. Saudades da sua cara.

Ela fica tentada a dizer que sim, porque também sente saudade dele, mas fica sempre exausta depois da sessão de grupo. *Talvez, responde, sem querer dizer não. Você sabe como fico cansada. Te aviso.*

Tudo bem, ele escreve de volta. Mas inventei um novo coquetel que quero que você experimente, mojito com um toque de granadina e abacaxi. Vou chamar de Hawaïi cinco-zero.

Parece nojento, ela devolve a mensagem, sorrindo.

A resposta dele é um GIF de um homem mostrando o dedo do meio, o que a faz rir.

Sal não pergunta onde Derek está. Ele nunca pergunta.

São apenas quinze minutos de carro até SoDo, a área de Seattle conhecida como “sul do centro”. Quando ela entra no estacionamento do conjunto dilapidado onde acontece a reunião de grupo, já está triste de novo. E está tudo bem, porque este deve ser o único lugar no mundo todo onde ela pode se sentir tão miserável quanto precisa, sem sentir necessidade de se desculpar e, ao mesmo tempo, sem ser de fato a pessoa mais miserável do grupo. Nem na terapia é assim. Terapia é um espaço seguro, com certeza, mas ainda há julgamento envolvido, e uma expectativa velada de que ela está ali para melhorar.

A reunião da noite, por outro lado, não se baseia nessa falsa pretensão. O Grupo de Apoio para Familiares de Crianças Desaparecidas — Grande Seattle é um nome extravagante para um bando de pessoas com uma coisa horrível em comum: todos perderam crianças. Sal descreveu suas idas ao grupo como um ato de autoflagelação. Ele não está errado. Algumas noites, é exatamente isso, e é exatamente do que ela precisa.

Um ano, três meses e vinte e dois dias atrás foi o pior dia da sua vida, quando Marin fez a pior coisa que poderia ter feito. Não foi culpa de ninguém, só dela, e ela não tem ninguém a culpar a não ser a si mesma.

Se ela não estivesse trocando mensagens, se não tivesse soltado a mão de Sebastian, se eles tivessem ido para a loja de doces antes, se ela não o tivesse arrastado até a livraria, se tivesse desviado os olhos do celular mais cedo, *se, se, se, se...*

Seu terapeuta diz que ela tem que parar de se fixar naquele dia, que não ajuda em nada ficar lembrando de cada segundo sem parar, como se algum novo detalhe fosse magicamente se apresentar. Ele diz que ela tem que achar uma maneira de processar o que aconteceu e seguir em frente, o que não significa que esteja deixando Sebastian de lado. Isso significa que ela estaria levando uma vida produtiva apesar do que aconteceu, apesar daquilo que ela *deixou* acontecer, apesar do que ela fez.

Marin acha isso uma merda sem tamanho e é justamente por isso que ela não quer mais vê-lo. *Tudo* o que ela quer é se fixar nisso. Ela *quer* continuar a remexer a ferida. Ela não quer que as coisas melhorem, porque se melhorarem, significa que tudo terminou, e que seu filhinho está perdido para sempre. E o que mais a perturba é que ninguém parece compreender isso.

Exceto as pessoas do grupo.

Ela fixa o olhar na velha tabuleta amarela da loja de donuts, que tem um tom entre mostarda e limão. Está sempre acesa. Ela jamais teria acreditado se, no ano passado, alguém tivesse lhe dito que, uma vez por mês, ela passaria um tempo com um grupo de pessoas que nem conhecia ainda.

Há muitas coisas em que ela jamais teria acreditado.

A chave do carro escorrega de sua mão, e ela consegue capturá-la antes que caia numa poça suja do estacionamento. É isso que sua vida se tornou nesses dias, não é? Uma série de escorregões e capturas, erros e remorsos, um malabarismo constante entre fingir que está tudo bem quando o que ela mais quer é que tudo entre em colapso.

Um dia, todas essas bolas vão cair, e não vão só se quebrar.

Elas vão se estilhaçar.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2023